

odia

Novelas



DIVULGAÇÃO

MALHAÇÃO

▶ 17h45 | GLOBO | Livre

■ Heideguer exige que Nat descubra quando Duca encontrará Alan. A turma insiste para que Karina participe do clipe da banda de Pedro. Cobra tenta se desculpar com Jade, que o esnoba.

A VIDA DA GENTE

▶ 18h30 | GLOBO | Livre

■ Iná e Lorena convencem Lau-delino a ir ao médico. Eva deixa Ana e Rodrigo sozinhos em casa. Marcos fala para Dora que Vitória quer humilhá-lo na frente de Sofia. Iná conversa com Manuela.

SALVE-SE QUEM PUDE

▶ 19h30 | GLOBO | 12 anos

■ Úrsula finge aceitar o namoro de Téio e Luna. Kyra assume sua paixão por Alan. Alejandro pensa em procurar emprego no empório de Helena para tentar descobrir o paradeiro de Luna.

CHIQUITITAS

▶ 20h50 | SBT | 10 anos

■ Carol chama a atenção dos meninos por eles terem usado o celular e a internet para prejudicar alguém. Maria tenta pentear o cabelo da boneca Laura.



DIVULGAÇÃO

GÊNESIS

▶ 21h | RECORD | 12 anos

■ Agar fica transtornada ao saber da gravidez de Sara. Palith convence a irmã de também embriagar Ló. Massá e Adália caem na armadilha de Ismael. Sara vai até o quarto do rei.

IMPÉRIO

▶ 21h30 | GLOBO | 14 anos

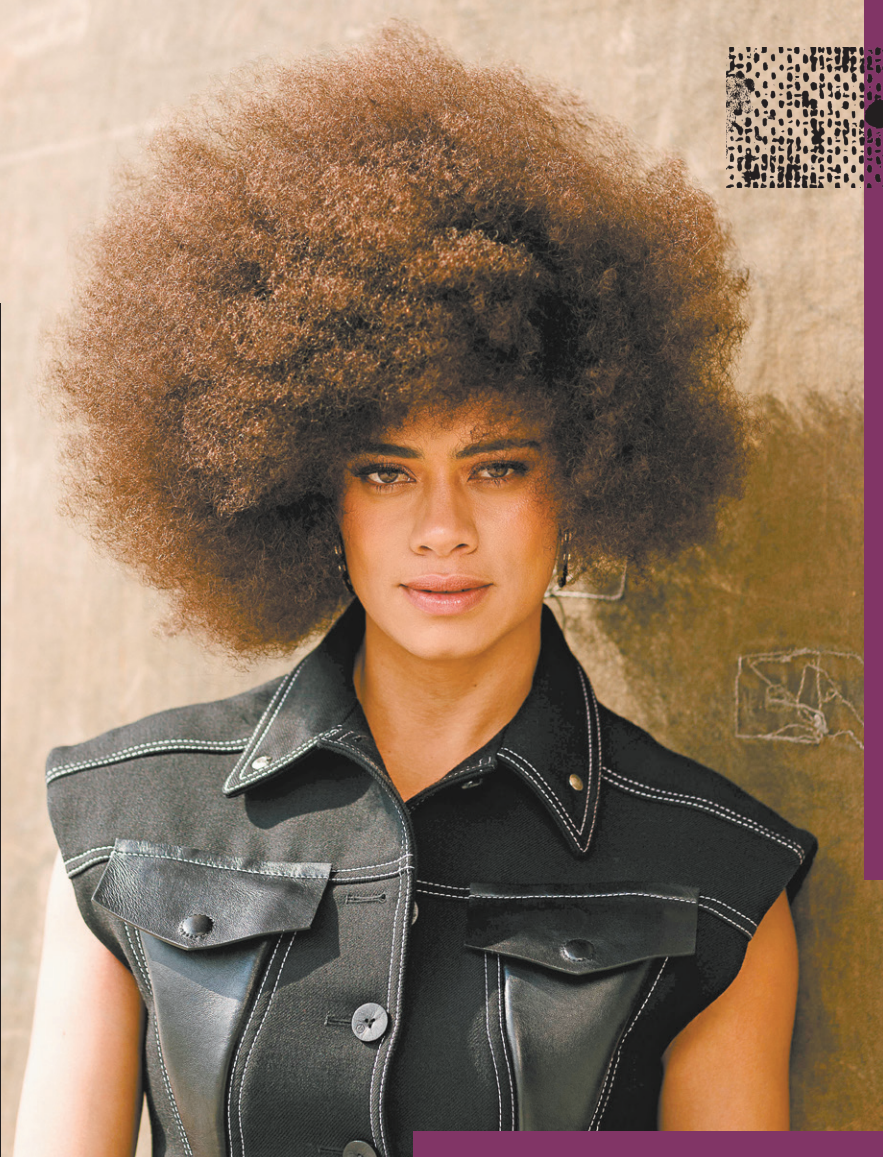
■ José Alfredo aprecia a foto do Monte Roraima. Antoninho agradece a Xana pela festa. Maria Ísis vai à casa de seus pais. João Lucas decide seguir Maria Ísis.

DEDO



NA FERIDA

JORGE BISPO



No ar na série ‘Onde Está Meu Coração’, que aborda drama das drogas’, atriz Ana Flávia Cavalcanti relembra infância difícil e cobra mais representatividade na televisão

EM DIFERENTES TELAS

Recentemente, a atriz conferiu a reprise de ‘Malhação - Viva A Diferença’, gravou ‘Amor de Mãe’, estreou o longa ‘Corpo Elétrico’, dirigiu, produziu e atuou no curta ‘Rã’, além de ter encenado em performances que denunciam o racismo, como ‘A Babá Quer Passear’. Ela associa essa vontade de trabalhar em diferentes frentes a sua curiosidade, ascendência em Sagitário e, claro, vontade de exaltar a representatividade negra.

2



“É desejo de abrir frente. Há uma falta muito grande de representatividade da população que é vista como minoritária, mas, na verdade, é maioria. É minoritária em direitos. Isso dá um pouco de agonia. A gente não se sente representado e a sociedade branca, rica e heteronormativa não muda por ela mesma, não está interessada em apresentar outros corpos e outras possibilidades de relação em suas narrativas”, reflete a atriz, que ainda completa: “Essa maior representatividade só acontece porque nós, artistas pretos e pretas, estamos produzindo, escrevendo, roteirizando, dirigindo as nossas histórias.”

1



TV GLOBO/FÁBIO ROCHA

FOTOS DIVULGAÇÃO

Ana Flávia Cavalcanti está no elenco de série protagonizada por Leticia Colin (1), no curta ‘Rã’ (2) e, ainda, brilhou em ‘Amor de Mãe’ como uma inspetora de polícia (3)



Há uma falta muito grande de representatividade da população que é vista como minoritária, mas na verdade, é maioria”

ANA FLÁVIA CAVALCANTI, atriz

LOCAL DE FALA

Ela adianta, inclusive, que quer produzir um documentário sobre o trabalho doméstico no Brasil, tema que é pouco tratado no audiovisual brasileiro, mas é a realidade de sete milhões de mulheres, incluindo muitas de sua família. Além disso, também já tem um filme escrito que aborda sexualidade.

“Teve agora Dona Lurdes, em ‘Amor de Mãe’, o filme ‘Que Horas Ela Volta’, da Anna Mui-laert, com a própria Regina (Casé) também, mas fora isso, a gente não vê representatividade. É uma pena... Tenho um outro curta-metragem escrito também, o ‘História de Amor Entre Duas Mulheres Lésbicas’, que tem total a ver com a minha vida sexual e amorosa”, revela.

VIVÊNCIAS

Criada pela mãe empregada doméstica em um cômodo de menos de 20m² ao lado da irmã, com um banheiro e tanque do lado de fora, Ana Flávia usa a arte e o espaço conquistado para dar voz a questões vividas durante a infância e que geralmente não tem visibilidade no audiovisual mainstream.

“A casa que cresci está no meu coração e valorizo muito hoje, mas o que não valorizo é que nesse bairro a gente não tinha muitas possibilidades de escolha. Isso é injusto e tenho vontade de combater. As vivências que tenho de criança e adolescente são parecidas com a maioria do Brasil. Recebo feedbacks de pessoas que olham meu trabalho e pensam: ‘caraca, isso aconteceu comigo também. Quero ver mais sobre mim, meu universo e minha família’. Isso é a minha maior potência e meu maior orgulho”, conta Ana, que ainda reflete sobre a falta de representatividade na TV nos anos 1980 e 1990.

“Cresci assistindo aos programas da Globo e do SBT. Eram programas tenebrosos e, para ser sincera, cruéis. Aquele café da manhã que rolava na Xuxa era cruel porque a população pobre estava passando fome no pós-ditadura. Você acordava e via aquelas paquitas louras dançando, sexualizando e tomando aquele café de rainha, tinha até favo de mel. A gente ficava vidrado e eu não esqueço”, lembra.